

# GEORG BRANDES, INTÉRPRETE DE KIERKEGAAD E NIETZSCHE

*Márcio Gimenes de Paula*<sup>1</sup>  
(Universidade de Brasília, Brasil)

## 1) Introdução

O crítico dinamarquês e pensador cosmopolita Georg Brandes (1842-1927) é, com muita probabilidade, uma das instigantes figuras do século XIX e XX. Sua extensa obra é dividida em alguns volumes sendo elas, inclusive traduzidas para o inglês e o espanhol, ultrapassando, portanto, na posteridade, não somente as fronteiras da Dinamarca, mas até mesmo indo para além da Europa. Um dos méritos de Brandes talvez tenha sido trazer um pouco de luz para a afastada Dinamarca, inserindo-a nos melhores debates intelectuais da época e alargado as fronteiras do conhecimento de um local isolado e afastado. Ele escreve, em linhas gerais, escritos polêmicos e biografias. Um traço distintivo dos seus escritos polêmicos é perceber o quanto eles são marcados pelos temas centrais do século XIX na sua difícil relação com a religião, notadamente no contexto germânico. Apenas para que se tenha uma noção disso, lembremos aqui de três deles: *O mito de Jesus* (1925), *Pedro* (1926) e *Cristianismo primitivo* (1927).

Como bem já salientam tanto Heine no seu clássico *História da religião e da filosofia na Alemanha* como Karl Löwith no importante *De Hegel a Nietzsche*, a história da filosofia moderna e contemporânea na Alemanha só pode ser compreendida se levarmos em conta o contexto

---

<sup>1</sup> marciogimenes@unb.br

germânico específico como um local onde religião cristã, notadamente protestante, e filosofia intimamente se relacionam e, portanto, onde a ruptura com a religião e o surgimento do iluminismo específico dos alemães é fruto de tal coisa. Os chamados pós-hegelianos são, nesse mesmo contexto, segundo Löwith nada mais do que autores que transitam entre a religião, a literatura e a política. Cassirer bem observa esse traço na sua obra *A filosofia do Iluminismo*, mas parece buscá-lo mais longe do que Löwith e o coloca em Lessing e no chamado espinosismo do autor alemão, o que parece constituir também uma pista muito instigante de investigação para trabalhos futuros.

Voltemos ao nosso tema: Brandes é, para o bem e para o mal, filho dessa época. Sua particular relação pessoal com a religião e sua posição ateuista ocorrida depois de uma crise pessoal nasce, em verdade, de uma luta consigo próprio e contra esse tipo de cristianismo do século XIX germânico. É com Hegel que parece se inaugurar, ainda no Seminário de Tübingen, como também já sabia Nietzsche, uma tentativa de construir uma história racional do cristianismo e da teologia, o chamado *cristianismo positivo*. Portanto, é um traço pós-hegeliano iniciar pela religião. O mesmo ocorreu com Feuerbach, outro dos pós-hegelianos, e sua obra pode ser, inclusive, interpretada na esteira de uma crítica da religião, mais do que como ateísmo. A palavra ateísmo parece carregada de inúmeros sentidos que deveriam ser melhor elucidados e que, segundo avaliamos, podem gerar equívocos quando vistos de modo muito apressado. O fato é que tais escritos polêmicos de Brandes têm uma veia claramente militante: almejam esclarecer o mito do cristianismo, sua essência falsa e, nesse sentido, superá-lo. Penso que é exatamente aqui que podemos olhar tais textos do autor com proveito. Não apenas no intuito daquilo que eles apontam, pois muito dos dados ali desenvolvidos têm sérios problemas de articulação, mas talvez olhando mais atentamente para o contexto onde tal produção se situa. É aqui que o autor dinamarquês compreende Nietzsche como um autor importante e decisivo. A afinidade entre eles, pode ser vista, de modo exemplificado, na cena do filme de Júlio Bressane, *Dias de Nietzsche em Turim*. Nele, o personagem Nietzsche cita o amigo Brandes. Tal fato revela a amizade e o relacionamento entre os dois autores. Estudos atuais, que se interessam pela relação entre Kierkegaard e Nietzsche nos seus mais diversos aspectos, são inúmeros e fugiriam ao escopo do presente trabalho. Desse modo, nosso intuito aqui é mais delimitado: observar, a partir de trechos das correspondências, algo além da relação de amizade entre os autores. Tomaremos também duas obras de Brandes como ponto de apoio para nossa investigação, a saber, o seu *Nietzsche – um ensaio sobre o*

*radicalismo aristocrático* e o seu *Søren Kierkegaard: uma apresentação crítica em grandes linhas* e alguns bons comentadores interessados na questão.

## 2) A correspondência entre Brandes e Nietzsche

Passemos primeiramente a parte mais curta da nossa exposição: a troca de correspondências entre Brandes e Nietzsche. Ela evidencia algo muito concreto: infelizmente, por motivos diversos, nem Kierkegaard leu a obra de Nietzsche e, ao que parece, nem o autor alemão entrou em contato com a obra kierkegaardiana. Tal relato pode ser constatado na carta que Brandes enviou a Nietzsche, em 11 de janeiro de 1888. Nela, o dinamarquês recomenda ao amigo a leitura de Kierkegaard, considerado por ele “um psicólogo profundo”:

Existe um pensador escandinavo cujas obras muito lhe interessariam se pudesse ler em alguma tradução: penso em Søren Kierkegaard (1813-1855), que é, segundo meu conceito, um dos mais profundos psicólogos do mundo. Um pequeno livro que escrevi acerca dele não dá a imagem da sua genial personalidade, porque é um panfleto polêmico que foi realizado para paralisar a sua influência. Creio que psicologicamente é o mais refinado que escrevi em minha vida (Brandes, 2008, p. 84)

Alguns dados merecem aqui, uma observação: o primeiro deles é o que entenderia Brandes pela nomenclatura “psicólogo profundo”. Ele, na condição de leitor e admirador de Nietzsche e de Kierkegaard, parece também se interessar pelos tipos psicológicos e talvez, nesse sentido, Kierkegaard, sua obra, seus pseudônimos e sua estratégia mereçam todo um cuidado e certamente poderiam se constituir num ponto a ser melhor explorado. Em sua crise, que o levou ao ateísmo, Brandes parecia ler com certa frequência *A Doença Mortal* e o *Conceito de Angústia* de Kierkegaard. Desse modo, podemos entender aqui em outra chave o que seria a tal *psicologia profunda* aos olhos de Brandes, isto é, um estudo sobre o eu e seus dilemas. Outro dado a ser considerado é o reconhecimento que Brandes possui de sua própria obra, ou seja, ele mostra consciência de que a toma apenas como um panfleto polêmico, algo feito no meio dos debates, ainda que a reconheça também como sua produção mais sutil. Trata-se de um dado curioso: estamos num século propício para debates e, uma vez que falamos sobre Kierkegaard, um autor que morreu no meio de uma intensa disputa com a cultura e com a cristandade dinamarquesa, isso fica

ainda mais interessante pois, ao que tudo indica, ele não se furtou a ser um participante dos debates da sua época e, nesse sentido, Brandes teria o mérito de ter reconhecido tal coisa.

O filósofo alemão responde ao amigo Brandes, em 19 de fevereiro do mesmo ano, que pretende, tão logo chegue à Alemanha, estudar a obra do autor escandinavo, fato impedido, como se pode saber, por sua enfermidade: “Penso, ao chegar a Alemanha, começar a trabalhar o problema psicológico de Kierkegaard e, ao mesmo tempo, reiniciar minhas relações com a literatura mais antiga” (Brandes, 2008, p. 86). Desse modo, por meio de correspondências parece que isso é tudo o que temos sobre a relação Kierkegaard e Nietzsche. O restante do que se produziu e se pensou vem depois baseado em importantes comentadores que leem a ambos os autores e começam a fazer aproximações significativas entre eles, a despeito desses nunca terem lido um ao outro.

Sempre que se fala em Kierkegaard, o tema do indivíduo e a significação de tal coisa como um conceito, parece saltar aos olhos. Tal temática, que também parece ter sua validade nos escritos nietzschianos, é observada por Brandes, tal como podemos constatar: “Todo mundo sabe que a Dinamarca teve um grande homem que injetou nos contemporâneos a ânsia de ser indivíduos” (Brandes, 2008, p. 18). Contudo, a observação que, num primeiro olhar parece elogiosa é, na verdade, um ponto que estabeleceria uma forte distinção entre o modo nietzschiano e o modo kierkegaardiano de compreender o tema do indivíduo. Para Brandes, o indivíduo kierkegaardiano é, na verdade, um cristão praticante: “Mas, essa exortação de Søren Kierkegaard não era tão absoluta como se poderia crer, pois a ela estava relacionado um fim, deviam ser indivíduos não para serem personalidades, mas para serem cristãos praticantes” (Brandes, 2008, p. 18). Em outras palavras, o conceito kierkegaardiano de indivíduo parece, aos olhos de Brandes, apenas ser importante na medida em que se relaciona com a prática do cristianismo e, nesse sentido, teria forte relações com uma temática de individualidade de corte agostiniano, o que não parece ser o seu interesse. Logo, o conceito nietzschiano de indivíduo parece ser mais autônomo e merecedor dos elogios de Brandes.

Curiosamente, contudo, Brandes avalia que tanto em Kierkegaard como em Nietzsche, pode-se perceber um importante ponto para a crítica das massas, conceito que será muito importante para a filosofia política do século XX, notadamente se pensarmos aqui nos autores da Escola de Frankfurt e em sua reapropriação de Nietzsche, de Schopenhauer e de Kierkegaard: “agora bem essa ideia pertence a Nietzsche tanto como a Kierkegaard – o que existe de verdadeiramente nobre e superior não fala

tanto sobre as massas na posteridade como ao momento de sua aparição” (Brandes, 2008, p.30). A crítica do conceito de massa na obra do autor dinamarquês perpassa boa parte do seu *corpus*. Contudo, para efeito mais específico, podemos nos deter a um dos seus textos mais curtos que, talvez, expressem tal coisa de modo mais evidente. Em *O Indivíduo*, Kierkegaard aponta criticamente para uma excessiva *politização* de todas as esferas culturais. Seu intuito é aqui mostrar justamente a diferença da concepção religiosa em relação à concepção política. A política se constitui e atua na esfera do imanente, já a religião possui ligações com o transcendente, transfigurando-se na esfera terrena e novamente elevando-se rumo aos céus:

Nesses tempos, tudo é política. A concepção do religioso difere do político com toda a distância do céu (*toto coelo*), tal como o ponto de partida e o fim diferem nessa matéria com toda a distância do céu (*toto coelo*), uma vez que o político começa na terra para aí permanecer, ao passo que o religioso, que vem do alto, pretende transfigurar o terrestre para em seguida o elevar ao céu (Kierkegaard, 1986, p.93).

Por diferentes caminhos, e creio que com diferentes finalidades, seria muito instigante perceber, através do que Brandes já apontou, em que consistiria a diferente interpretação e descrença da política em ambos os autores. Ainda melhor: perceber, talvez, de qual política eles estavam descrentes e por quais motivos.

Brandes empreende ainda uma outra curiosa tentativa de aproximar Kierkegaard e Nietzsche: o aspecto moral. Para ele, ambos autores preferem “colocar a moral mais distante e se irritam com a ideia de uma moral que se limita a descontar as consequências imediatas dos nossos atos para guiar-nos por suas previsões” (Brandes, 2008, p. 40). Aqui não parece ficar muito claro o que Brandes almeja apontar com a afirmação de que são autores que preferem colocar “a moral mais distante”. No caso de Kierkegaard, talvez se possa entender o tema se pensarmos que a regra moral, por assim dizer, é fornecida por um totalmente outro e no imperativo do “tu deves” do cristianismo. No caso de Nietzsche, o debate talvez se dê numa tentativa de ir “além dos conceitos de bem e de mal”. Entretanto, o tema parece insinuado, mas não trabalhado como se poderia esperar.

A obra de Brandes sobre Kierkegaard data de 1877 e, tal como aponta Valls, ela, em suas linhas gerais, aborda a biografia do pensador dinamarquês por três temas pontuais: a relação com o pai, o rompimento do noivado com Regina Olsen e a polêmica com o jornal satírico *O Corsário*. Malik, um célebre estudioso da recepção da obra de Kierkegaard e autor

do importante *Receiving Kierkegaard*, aponta que é através dessa primeira recepção de Brandes que muitos autores como Unamuno e Strindberg, entre outros, entram em contato com o filósofo de Copenhague. Brandes coloca lado a lado dois autores escandinavos importantes: Ibsen e Kierkegaard. Inclusive, no seu texto sobre Nietzsche, é possível encontrar tal tipo de aproximação e recomendação ao autor alemão para que leia a ambos os autores. Tal traço é significativo: mostra que Brandes compreende Kierkegaard e Ibsen dentro do mesmo escopo, a saber, o recorte da crítica à cultura e à religião que, no contexto nórdico, não se separam. Nesse sentido, Ibsen é um autor bastante próximo de Kierkegaard e das suas preocupações. Por isso, não parece fortuito que, tal como apontou Malik, a recepção de Kierkegaard na Noruega, país de Ibsen, teve um traço político e também ligado a uma forte religiosidade, isto é, com sua morte o pensador é compreendido por parte dos noruegueses como uma espécie de profeta e mártir que lutou contra o cristianismo institucionalizado e pagou o alto preço de tal escolha e missão. Nesse sentido, Brandes também interpreta que a peça *Brand* de Ibsen é embebida de influência kierkegaardiana.

Se Brandes foi o primeiro intérprete – ou um dos primeiros – da obra kierkegaardiana, cabe perguntar, tal como fazem Valls e Malik, em que sentido ele se relacionou com os demais contemporâneos da obra do autor dinamarquês. Podemos aqui enumerar a primeira polêmica, a saber, com Rasmus Nielsen. Brandes não pode aceitar sua concepção que tenta harmonizar fé e conhecimento e, desse modo, escreve a obra *Sobre o dualismo em nossa filosofia mais recente*, com o claro intuito de se opor a tal tese. Cabe aqui uma explicação: Nielsen foi discípulo de Kierkegaard, mas perdeu tal condição quando o próprio Kierkegaard afastou-se dele por temer que seu único intuito era se apropriar de suas ideias com o objetivo de galgar postos acadêmicos.

Contudo, apesar de todos os seus méritos na divulgação da obra kierkegaardiana, Brandes é, talvez, culpado por um dos principais equívocos na transmissão de suas teses centrais, a saber, o equívoco de tomar Kierkegaard como um escritor romântico. Uma coisa seria a observação da importância de temas românticos na reflexão kierkegaardiana, mas outra seria situá-lo como um romântico e ressaltar todos os seus escritos estéticos em detrimento do restante de sua produção. Essa posição é claramente descartada se vamos aos primeiros escritos de Kierkegaard. No *Conceito de ironia*, por exemplo, a posição de Kierkegaard acerca do romantismo parece bastante clara e aqui, mesmo com ressalvas, ele parece ficar ao lado de Hegel: “Um dos maiores méritos de Hegel consiste em ter detido ou pelo

menos ter tentado deter os filhos perdidos da especulação em seu caminho de perdição” (Kierkegaard, 1991, p. 230). Ou ainda: “O mundo rejuvenesceu, mas como Heine observou com muito espírito, rejuvenesceu tanto com o romantismo que se tornou de novo uma criancinha” (Kierkegaard, 1991, p. 261).

O mais grave de tal tipo de equívoco é haver um “Kierkegaard mutilado” por assim dizer, ainda pior: tal interpretação termina por moldar parte da recepção do autor dinamarquês em alguns países. Melhor explicando: o Kierkegaard recebido na Escandinávia aparece em clara luta contra à Igreja e à cultura, sendo mais próximo do aspecto teológico, o Kierkegaard alemão também possui algo desse tipo de recepção e nele ressalta-se a produção religiosa, o Kierkegaard francês parece claramente estético, o autor que usa pseudônimos e parece ser o pai da chamada interpretação dos existencialistas franceses do século XX. Malik, na sua extensa lista da recepção de Kierkegaard, aponta ainda dados da recepção em países como a Itália e a Espanha, onde Kierkegaard parece bastante próximo das interpretações católicas de Unamuno e Fabro, bem como a interpretação protestante norte-americana dos primeiros tradutores de Kierkegaard nos Estados Unidos.

Valls aponta que um dos maiores equívocos de Brandes foi a tentativa de recuperar Kierkegaard enquanto um pensador livre da influência da religião e da teologia. Desse modo, o que parece interessante no autor dinamarquês aos olhos de Brandes seria exatamente seu livre pensamento e uma tentativa de compreendê-lo como uma espécie de autor secular radical. Ora, tal tipo de abordagem é extremamente superficial e não parece enxergar importantes questões por ficar presa a um jogo maniqueísta rasteiro. Talvez a mais gritante delas é, por exemplo, a influência que teve Feuerbach nos escritos kierkegaardianos e na articulação de sua crítica à cristandade, notadamente em obras como *Migalhas Filosóficas* e *Post-Scriptum às Migalhas Filosóficas*. Por isso, na avaliação de Valls, a imagem de Brandes como intérprete de Kierkegaard é ainda bastante deficitária:

Brandes não era, no rigor do termo, um filósofo, e sim um crítico literário bem articulado, oportunista, sensível, cosmopolita e erudito ao extremo. Arrogante, não tinha por seus autores, a mesma simpatia como, por exemplo, Brøchner pelo cristão Kierkegaard. Mas tem o mérito, sem a menor dúvida, da divulgação das obras de Ibsen, Strindberg, Kierkegaard, Nietzsche e até mesmo Dostoiévski” (Valls, 2013, p.65).

### 3) Considerações finais

Desse modo, à guisa de conclusão, saliento que muito provavelmente, por ter maior familiaridade com Kierkegaard do que com Nietzsche, talvez não tenha desenvolvido a contento a interpretação de Brandes sobre o pensador alemão. Contudo, gostaria de explorar brevemente, como uma espécie de consideração final, seguindo a pista já apontada por Cassirer (e que citei no decorrer do trabalho), que o iluminismo alemão é, em boa parte, herdeiro da moderna filosofia de Espinosa. O que significaria aqui portanto afirmar, não como Löwith, que Nietzsche e Kierkegaard (e Brandes) seriam autores pós-hegelianos, mas sim autores pós-espinosanos? É evidente que nosso interesse não é aqui meramente cronológico pois, nesse caso, é muito claro que todos eles são pós-espinosanos e pós-hegelianos. Entretanto, a pista de pós-espinosismo coloca a filosofia germânica posterior à Reforma como uma concepção que começou a examinar criticamente os conteúdos da fé e da revelação, coisa que Heine também já sabia. Talvez, o exemplo mais claro disso possa ser colhido no *Tratado Teológico-Político* do autor holandês. É comum as referências mais diretas a parte política da obra como formadora do Estado moderna e da consciência laica. Contudo, o político só é alcançado aqui depois do teológico, depois do primeiro trabalho de exegeta e de intérprete do texto sacro. Há, segundo penso, muito disso em Kierkegaard, mesmo quando parece recusar Espinosa. Há, segundo penso, muito disso em Nietzsche, mesmo quando aponta sua artilharia contra a exegese bíblica, contra Strauss, Renan e outros. Por isso, uma vez mais o crítico Brandes não parece ter compreendido bem os dois autores mas, ao mesmo tempo, parece mostrar, até mesmo nos títulos de seus escritos, a face mais clara da filosofia da época.

### Bibliografia

- Brandes, G. 1967. *Søren Kierkegaard*, Gyldendals Uglebøger: København.  
— 2008. *Nietzsche – um ensaio sobre o radicalismo aristocrático*. Sexto Piso: México.
- Cassirer, E. 1997. *Filosofia do iluminismo* Unicamp: Campinas.
- Espinosa, B. 2003. *Tratado Teológico-Político*. Martins Fontes: São Paulo.
- Heine, H. 1991. *Contribuição à história da religião e da filosofia na Alemanha*, Iluminuras: São Paulo.
- Kierkegaard, S.A. 1991. *O Conceito de ironia – constatemente referido a Sócrates*. Vozes: Petrópolis.
- 1986. *Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor*. Edições 70: Lisboa.
- Löwith, K. 2014. *De Hegel à Nietzsche*, Unesp: São Paulo.

Malik, H. 1997. *Receiving Søren Kierkegaard*, The Catholic University of America Press: Washington.

Valls, Álvaro. 2013. *O crucificado encontra Dionísio – estudos sobre Kierkegaard e Nietzsche*. Loyola: São Paulo

## RESUMO

O objetivo do presente artigo é avaliar, a partir de aspectos pontuais e específicos, a interpretação que o pensador dinamarquês Georg Brandes apresenta de Kierkegaard e Nietzsche como importantes críticos da cultura europeia do século XIX e da filosofia produzida no período.

**Palavras-chave:** Georg Brandes – História da Filosofia – Kierkegaard – Ética – Nietzsche

## ABSTRACT

The aim of this article is to evaluate, based on particular and specific aspects, the interpretation that the Danish thinker Georg Brandes presents of Kierkegaard and Nietzsche as important critics of the European culture of the nineteenth century and of the philosophy produced in the period.

**Keywords:** Georg Brandes – History of Philosophy – Kierkegaard – Ethics – Nietzsche